

O TEATRO DO OPRIMIDO E A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Autor: Mádson Francisco da Silva

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria de Fátima Gomes da Silva

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO – CAMPUS MATA NORTE

E-mail do autor: mamadson123@hotmail.com
E-mail da orientadora: fatimamaria18@gmail.com

Resumo: O artigo a seguir é fruto de um recorte da dissertação de mestrado do autor que está sendo construída, subordinada ao tema: O Teatro do Oprimido e o Enfrentamento da Violência Escolar. Nesse sentido, o texto abaixo traz um aporte teórico sobre a violência escolar e algumas de suas tipologias caracterizadas por quatro dimensões específicas, a saber: violência verbal, violência física, Bullying e violência contra o patrimônio público que foram emergidas por meio de oficinas de Jogos do Teatro do Oprimido(T.O), em duas escolas municipais da cidade de Nazaré da Mata – Pernambuco. Em meio às discussões da violência, o texto também aponta a educação como uma possibilidade concreta rumo à libertação do homem e da mulher oprimido/a nas suas relações pessoais, escolar e social. Ressalta-se aqui, que este texto traz uma abordagem descritiva por se tratar de expressões orais e físicas manifestadas nas oficinas do T.O, organizadas a partir do arsenal do teatro do oprimido para sensibilizar o sentir, o tocar, o escutar e o falar e, que por isso traz características de um relato de experiência, sendo estruturado numa perspectiva de pesquisa qualitativa em educação utilizando a observação participante e o próprio teatro do oprimido como instrumento da coleta de dados. Nesse horizonte, os agressores e agredidos são chamados também por opressores e oprimidos, enquanto que a violência escolar e suas práticas é também chamada em alguns momentos de opressão. Por fim, espera-se que esse artigo contribua com as reflexões acerca da violência escolar e provoque nos leitores o interesse em conhecer o Teatro do Oprimido, utilizando se possível na sua escola ou em outros grupos sociais.

Palavras-chave: Teatro do Oprimido, Violência Escolar, Educação, Liberdade.

INTRODUÇÃO

Este artigo surge à luz de um recorte da dissertação de mestrado (em construção) intitulada como: O Teatro do Oprimido e o Enfrentamento da Violência Escolar. Nesse sentido, justifica-se a importância do mesmo como um texto colaborador das reflexões que tocam a violência escolar praticada no âmbito educacional e traz o teatro do oprimido (TO) como sendo um instrumento pedagógico e de coleta de dados que contribui veementemente na categorização reflexiva entre os sujeitos opressores e oprimidos no cenário real da violência escolar. Desse modo, seu objetivo é demonstrar a importância do teatro do oprimido como um instrumento reflexivo nas práticas docentes frente à violência.

Por outro lado, quando inicialmente falamos em escola, o primeiro pensamento que surge dela é como sendo um espaço que traduz a educação como prática da liberdade, embora ela tenha se tornado também nos últimos tempos um território da violência que oprime e prejudica em

profundidade a prática pedagógica, o desenvolvimento dos saberes e a ação libertária sobre as pessoas que tem a sua natureza educacional na escola.

Nesse sentido, o texto abaixo discutirá sobre a violência escolar por meio do Teatro do Oprimido aludindo à educação como prática da liberdade, mesmo estando ela em situações conflituosas nas relações de opressão tecidas entre opressores e oprimidos.

METODOLOGIA

Para a construção desse artigo, aproveitou-se a pesquisa qualitativa em educação que é um tipo de pesquisa que oportuniza um olhar investigativo mais profundo sobre a natureza e o objeto investigado e pressupõe que se relacionem com clareza na pesquisa, informações que cerquem os sujeitos investigados. Nesse viés, realçando teoricamente esse tipo de pesquisa, Oliveira (2012, p. 37) entende a “pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade [...] em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação.” Ou seja, esse tipo de abordagem pressupõe e conduz quem investiga, ao intimo do que está sendo pesquisado, sendo considerado que ela induz a investigação a compreender ou indagar mais ainda todos os fatores e os fenômenos no lugar em que ocorre a pesquisa e em que se discute o objeto.

Quanto aos instrumentos, utilizou-se o teatro do oprimido como um recurso à coleta de dados nesta investigação, por se compreender na linguagem desse instrumento, possibilidades de entendimento, reflexões e intervenção sobre a violência escolar por meio do próprio TO que é um teatro como todos os outros, mas, que possui um olhar especial voltado para os oprimidos, que nesse texto refere-se aos sujeitos que estão subordinados a práticas violentas.

O segundo instrumento para a coleta de dados foi a observação participante, porque ela permite a inserção da ótica do investigador no discurso e na prática de quem e do que está sendo investigado. Sobre esse tipo de instrumento Lüdke e André (1986, p. 26) afirmam que “a observação é o principal instrumento da investigação. O observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno observado.” Ou seja, o observador nesse instrumento possui a oportunidade de ver as situações, as condições e outros derivados na natureza do campo investigativo, podendo então discernir tais fatores a partir do seu próprio conhecimento.

Por fim, reiteramos aqui que a construção desse artigo é construída à luz das oficinas do teatro do oprimido e, por isso, não tem em suas discussões citações grandes dos sujeitos da pesquisa, haja vista, que os pontos elencados (os principais tipos de violência escolar) foram citados oralmente por

meio das oficinas e registrados no caderno de anotações deste autor, permitindo a inferência por meio da observação participante nas oficinas do T.O e no ambiente escolar, juntamente com o diálogo com teóricos que tratam dos respectivos assuntos. Quanto aos sujeitos, trata-se de vinte estudantes (categorizados de 1 à 20) e cinco professoras (categorizadas de 1 à 5) de duas escolas municipais da cidade de Nazaré da Mata - Pernambuco.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando nos referimos à violência escolar, estamos nos referindo a todo tipo de violência que caracteriza as opressões vivenciadas no chão da escola. Lopes (2005) diz que “O termo violência escolar diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc.” E acrescenta que esses comportamentos nascem das situações externas, onde existe possibilidades dos educadores e dos funcionários intervir, mas que são situações violentas que estão por vezes superando as investidas dos educadores. Embora que para algumas práticas de violência a possível solução esteja dentro do próprio território escolar. Sendo assim, ainda consideramos a violência como sendo:

golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo - incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; - violência simbólica ou institucional(...). Também o é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos. (CHARLOT apud ABRAMOVAY, 2002. p.69)

Nesse viés, os pontos teóricos elencados acima expressam claramente algumas opressões na comunidade educacional experienciadas por docentes, discentes e outros membros da escola. De modo que fazendo a inferência do que os teóricos dizem e do que foi observado e comentado por meio das oficinas do teatro do oprimido, elencamos aqui as principais tipologias da violência escolar ditas por estudantes e professoras (2017), a saber: “Violência verbal, física, bullying e violência contra o patrimônio público.”

A violência verbal lidera a primeira posição por ser o princípio de toda confusão e opressão relacionadas no ambiente escolar. Por meio da violência verbal a sempre uma voz mais gritante que fere a identidade, o grupo ou o patrimônio de uma pessoa. Sem se preocupar com a exposição o opressor no uso de um discurso dominante busca humilhar, oprimir e quando é respondido parte para a violência física denegrindo o corpo, enquanto também, sem discernimento vai desacatando sua ética, perdendo seu bem estar e a oportunidade de vivenciar um diálogo que certamente lhe proporcionaria respeito e interação com o diferente.

Nesse horizonte, o bullying vai se concretizando em meio às diferenças de gênero, de comportamento, de raça, de religião, da estética e de outras práticas e concepções de mundo de cada pessoa ou grupo. E se concretiza não como interação entre os diferentes, mas justamente como falta de integração e respeito com aquilo e aquele/a que está numa dimensão oposta à um determinado ponto de partida, comportamento ou conceito que o opressor determinou. Desse modo,

O bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. Por definição, bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser conseqüente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. (LOPES, 2005, p. 165)

Realizando uma inferência com a definição de bullying apontada pelo autor, encontramos também a violência física e verbal, já comentada acima. E compreendemos nesse horizonte que esse é o principal cenário da violência escolar, de modo que durante as oficinas do teatro do oprimido os/as estudantes e as professoras sempre aludem a essas três dimensões opressoras: “Violência verbal, física e bullying”. Evidentemente, as duas tipologias iniciais de violência se enquadram dentro da terceira, mas, a diferença é que no bullying existe uma continuidade do golpe, da ofensa/opressão, enquanto que separadas desse conceito a violência física e verbal podem acontecer com pessoas diferentes, em tempos e espaços diferentes sem haver uma continuidade. No entanto, dependendo do que fora expresso e realizado contra uma pessoa, a forma da expressão poderá ser caracterizada como bullying devido aos elementos opressivos utilizados no ambiente escolar ou social.

Por outro lado, durante as oficinas do T.O, as professoras ao ver as apresentações espontâneas dos estudantes, sinalizam com clareza que a violência não se manifesta apenas contra as pessoas, mas também contra “o patrimônio público”(PROFESSORA 5, 2017). Este tipo de violência caracteriza-se pela violação das bancas, mesas, quadro negro, quadro de avisos, dispositivos do refeitório, portas, materiais didáticos e entre outros objetos que sofrem a intervenção de estudantes que se utilizam disso para manifestar seu poder opressor, desacatando as autoridades, intimidando os colegas e destruindo o que é usado pelo coletivo escolar. Em suma, a violência escolar é caracterizada inicialmente por essas quatro dimensões, embora ela seja maquiada por outras situações diversas que se misturam com as elencadas acima.

Desse modo, mesmo a educação em seu sentido macro continuando a ter com clareza seus objetivos sobre o ato de ensinar incentivando a construção do conhecimento, os dias atuais marcam sua identidade e de seus professores com esses desafios constantes e cada vez mais intensos nas problemáticas que tecem a prática pedagógica e a finalidade da escola nos dias atuais. A violência escolar a cada dia cresce nas unidades educacionais de todo o Brasil, independentemente de essas escolas estarem localizadas em zonas periféricas ou centrais, públicas ou privadas. Com clareza e com forte impacto a questão das práticas violentas tem problematizado os processos de ensino-aprendizagem, a convivência entre os sujeitos e a utilização da educação como um meio de libertação e constituição de um sujeito participativo e colaborador de uma transformação pessoal e por consequência social.

No entanto, é preciso lembrar e compreender que apesar dessa realidade em que na escola seus sujeitos são opressores e oprimidos na violência que lá é praticada, a educação e sua “visão educacional não pode deixar de ser ao mesmo tempo uma crítica da opressão real em que vivem os homens e uma expressão de sua luta por libertar-se” (WEFFORT IN: FREIRE, 1967,p. 8), e para isso faz-se, portanto, uma necessária luta por uma prática pedagógica e uma escola que insere em suas atividades, uma formação que seja capaz de fomentar ações de liberdade que se distanciem da opressão violenta que afeta profundamente os sujeitos escolares em seu desenvolvimento enquanto estudantes, professores, funcionários em geral, enfim, todas as pessoas.

Assim como Freire, Rodrigues (2003) nos ajuda a pensar e a entender a educação e a escola num aspecto libertador, ao dizer que para todas as pessoas, independentemente de classe social, raça, religião ou cultura, a educação é um meio emancipatório que possibilita que todos os sujeitos da sociedade se utilizem de instrumentos de sustento que lhe garantirá meios para uma vida com condições justas. Nesse sentido, compreende-se que a escola em sua finalidade pode até ter outras utilidades enquanto um espaço formal de conhecimento e é importante que seja, mas, antes de ser tudo isso, ela precisa ser um espaço de garantia de formação humana e de sustentabilidade que fará de cada pessoa um ser do meio interligado a sua vida de forma integral e a todos os outros elementos existentes.

Naturalmente, essa concepção de escola nos faz refletir profundamente sobre as questões da violência elencadas acima, onde é preciso ficar evidente que não estamos aqui defendendo uma ideia que salvará toda educação banindo todo tipo de violência e opressão, mas o que aludimos aqui é que a escola/educação precisa-se manter em oposição a essas situações não legitimando a

violência e se contrapondo as opressões que buscam ferir e roubar a identidade do outro e da instituição.

Num olhar que parte da prática educativa para o meio escolar e social, o papel da educação e dos professores é um papel que:

Trata-se de “remar contra a maré”, vale dizer, contra o modelo de sociedade que temos, com a sua ética excludente, competitiva e predatória. Porém, mais do que buscar se opor, perspectiva em que o outro dá as cartas, e nós estamos sempre correndo atrás, trata-se de CONSTRUIR através de processos educativos, e neles mesmos, formas solidárias, igualitárias e plurais de convivência entre os homens. Ter esta postura é se opor, mas se opor na ofensiva de quem deseja CONSTRUIR. (BRANDÃO, 2010, p. 66)

Ou seja, as práticas educativas precisam acontecer em posição ao que é de direito, solidário e plural, com o intuito de a cada dia construir e fazer dos sujeitos pessoas que sempre estão na busca por completar-se, navegando contra as correntezas que tentam implantar no meio social uma cultura individualista e degradante que oprime o homem e o rouba de sua vocação humanizada de ser sempre mais.

Nesse viés, surge aqui o teatro do oprimido como sendo um instrumento pedagógico de reflexão que contribui para o processo de conscientização das pessoas sobre seu papel na escola e no mundo, assim como também sua condição. Experimentado nas duas escolas municipais com os estudantes e com as professoras da metodologia, o teatro do oprimido seguiu fielmente o arsenal organizado por Augusto Boal no livro “Jogos para atores e não atores”(2015) que metodologicamente explica as dinâmicas dos jogos que nos levou ao desenvolvimento do sentir, do escutar, do falar e enxergar numa dimensão das relações opressoras no ambiente educacional e social. As oficinas temáticas realizadas a luz de cada categoria desse arsenal, sempre aludiam à violência verbal, física, bullying e violação do patrimônio público por isso que acima elegemos essas quatro categorias como sendo as principais tipologias da violência escolar.

Nesse horizonte, a cada oficina realizada envolvendo os jogos do sentir, do escutar, do enxergar, do olhar e de outras habilidades os estudantes eram convidados a partilhar sobre os sentimentos emergidos dos jogos do teatro do oprimido, onde após cada partilha os estudantes espontaneamente faziam apresentações sem roteiro estabelecido a fim de elencar naturalmente algumas práticas violentas na comunidade escolar e por vezes no âmbito familiar e social. Desse modo, as apresentações espontâneas da violência por meio do T.O permitiu uma discussão reflexiva entre o pesquisador, estudantes e professoras sobre as tipologias citadas e as formas de como cada um se percebiam nesse cenário de relações opressoras.

Na roda de diálogo das oficinas, depois de classificar os tipos de violência junto aos estudantes, as professoras afirmaram a importância do teatro do oprimido na escola como sendo um dispositivo favorável à prática pedagógica para desenvolver a oralidade/exposição, postura, diálogo além de permitir por meio da arte o enfrentamento a violência escolar uma vez que o T.O traz um viés conscientizado para os participantes. Da parte dos estudantes, a cada oficina eles iam se percebendo como sujeitos promotores dessa relação opressor-oprimido, onde eles estão e são duplamente classificados. Ou seja, em determinados momentos eles são oprimidos, em outros opressores e quando opressores buscam uma posição de superioridade de forma a ser mais violentos do que os modelos de opressores que eles têm, como teoricamente já referia Paulo Freire (2011) em Pedagogia do Oprimido ao dizer que quando a educação não proporciona uma formação libertadora o desejo maior do oprimido é ser opressor.

No entanto, durante as oficinas, especialmente na hora da teatralização espontânea da violência praticada no ambiente escolar, os estudantes em determinados momentos demonstravam choque por representar exatamente o que acontece diariamente no cotidiano escolar, se percebendo como sujeitos ativamente participativos da violência. Um dos momentos marcantes observados nas apresentações foi quando o estudante 12 (2017) estereotipado como um dos principais bagunceiro de uma das escolas investigadas, colocou a mão na cabeça e com uma expressão de decepção consigo mesmo pronunciou: “Eita! Na sala de aula é mesmo assim. Eu me comporto assim.” Tendo dito isto, as professoras e o pesquisador perceberam que pela primeira vez o estudante referido demonstrou preocupação com o seu comportamento na unidade escolar e com as práticas violentas que nela ocorrem. Certamente, com esse choque, com esse primeiro confronto com a consciência o estudante não passou a ser do dia para noite um estudante modelo desenhado pelo sistema, mas nele se iniciou neste momento uma reflexão crítica sobre sua personalidade, sobre sua responsabilidade consigo mesmo e com o próximo, sobre a importância da educação como uma prática da liberdade que fomenta os saberes e lhe possibilita novos horizontes, se distanciando das relações opressoras e se conscientizando que como inacabado está no mundo buscando se libertar (aprender, respeitar, ter esperança e perspectiva de vida). Desse modo, acreditamos que assim como esse estudante outros também foram tocados pelos jogos do teatro do oprimido, assim como também as professoras, e que o processo de conscientização, libertação e busca do conhecimento deverá ser oportunizado por outros momentos do T.O e por outros elementos da inovação pedagógica que possa ajudar os professores a vencer ou dirimir as dificuldades emergentes no coração da escola, seja ela classificada como violência/opressão ou conceituada de outra forma.

Mas o que é o Teatro do Oprimido(T.O)? Para quem é este teatro? E quem pode ser ator/atriz neste teatro? O Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal, se constitui num processo de teatralização que “em todas as suas formas, buscam sempre a transformação da sociedade no sentido da libertação dos oprimidos. É a ação em si mesmo, e é a preparação para ações futuras” (BOAL, 2013, p.18). Indubitavelmente, este teatro é uma forma de pensar, de agir e de tomar partido num sentido de decidir está do lado de alguém, e este alguém com toda certeza deve ser o lado do oprimido, dos excluídos. Boal (Ibid, p.23) diz que decidir-se por fazer este teatro é situa-se numa postura ética, e acrescenta:

O Teatro do Oprimido jamais foi um teatro equidistante que se recuse a tomar partido – é teatro de luta! É o teatro DOS oprimidos PARA os oprimidos, SOBRE os oprimidos, sejam eles operários, camponeses, desempregados, mulheres, negros, jovens, velhos, portadores de deficiências físicas ou mentais, enfim, todos aqueles a quem se impõe o silêncio e de quem se retira o direito à existência plena. (Ibid, p. 26)

Nesse sentido de luta, é que tratamos este teatro não só como um instrumento de coleta de dados, mas como um recurso pedagógico para fortalecer as práticas educativas que desejam inferir sobre a violência escolar e por consequência fomentar o processo de ensino-aprendizagem. Boal (2015), ressalta que esse teatro é para todas as pessoas e concebe a ideia de que todos nós somos atores, atuando nos diversos espaços e momentos da nossa vida, seja num momento mais particular como se arrumar na frente do espelho ou num momento mais exposto como os professores ministrando aula. A diferença é que a representação é real, de luta, de buscar novos significados para vida.

Sendo assim, apoiados por Boal (2013, 2015) e Freire (1967, 2011), podemos dizer que a vida trata-se de uma grande história marcada por desafios constantes que nos conduzem as lutas, ora está é coletiva, ora ela é individual, mas de todo modo à tessitura que alinhava a existência é caracterizada por um cenário complexo de desdobramentos entre a opressão e a libertação.

Nesse horizonte, conclui-se que por meio do TO é possível fomentar as práticas de ensino e o processo de aprendizagem dialogando com a violência escolar, onde suas oficinas desenvolvem habilidades de escuta, sentidos corporais, visuais e reflexivos sobre as vivências opressoras experimentadas no ambiente escolar ou em outro, como acima já referimos. E nesse sentido, acreditamos que através do TO formam-se uma tomada de consciência, uma reformulação do pensamento e o fomento a força interior que existe dentro dos sujeitos que fazem deles humanos, constituídos de dignidade, de saberes, de sentimentos e de práticas diversas que fazem do homem um ser livre e social.

Desse modo, vale ressaltar, que aqui não estamos tratando de uma liberdade exacerbada que oprime a liberdade do outro, mas de uma liberdade que constrói com os outros, liberta o coletivo e faz do cotidiano uma peça de teatro que embora inacabada esteja sempre se completando, aderindo, construindo, se libertando. Por fim, queremos uma escola mais segura e sem violências, uma escola que esteja livre das opressões e torne-se a cada dia um espaço de recomeço e libertação dos estudantes, seus atores.

CONCLUSÕES

Diante do exposto, compreende-se que um dos maiores desafios presentes no âmbito escolar hoje é a marginalidade, a pobreza, o abandono físico, afetivo e de certo modo sociopolítico, nos quais os estudantes estão subordinados e que acabam sendo levados a viverem num mundo do crime e da ilusão de que não podem ser alguém na vida, com uma formação, com uma profissão, com ética e dignidade. Em suma, isso estrutura a violência escolar categorizada neste artigo em tipologias, a saber: violência verbal, física, bullying e violência contra o patrimônio público. Em contra ponto a isto, concebemos a escola como um espaço de libertação por meio da educação e trazemos o teatro do oprimido como instrumento pedagógico de reflexão que busca dirimir a violência estabelecida nas relações opressor-oprimido no âmbito escolar. Nesse viés, ressaltamos aqui que o teatro do oprimido não é uma solução universal para resolver a violência escolar, mas como já dito é um instrumento que favorece a prática pedagógica no desenvolvimento de algumas habilidades como o sentir, o enxergar, o falar e o ouvir que é essencial para o processo de ensino-aprendizagem e para quem busca se conscientizar para liberta-se de sua condição no contexto opressor. Portanto, concluímos este artigo que socializou um pouco de nossas experiências na educação básica, por meio da coleta de dados da dissertação, ressaltando que a escola é um lugar de possibilidades, de vida e libertação. E que por meio da educação podemos utilizar diversos dispositivos para modificar nossa prática pedagógica e fazer da escola um ambiente mais agradável, emancipado e que busca constantemente libertar seus sujeitos de todo tipo de violência e opressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. Violência nas escolas. In: **Violência nas escolas**. Unesco, 2002. Disponível em:

<<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1785/1574>>. Acesso em: 03/05/2017.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores**: Augusto Boal. São Paulo, Cosac Naify, 2015

_____. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**: Augusto Boal. São Paulo: Cosac Naify, 2013. ISBN: 978-85-405-0474-5

BRANDÃO, Zaia. **A crise de paradigmas e a educação** / Zaia Brandão, (org.). –11. ed. –São Paulo : Cortez, 2010. – (coleção questões da mesma época ; v. 21) ISBN 978-85-249-1655-

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** / Paulo Freire.-50. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LOPES, A. A., Neto. (2005). *Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, 81(5), 164-172. Disponível em: <http://www.scielo.br/jped/v81n5s0/v81n5Sa06>
Acesso em: 09/ 09/ 2017

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, LTDA, 1986.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa** 4. Ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2012.

RODRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola**: o transitório e o permanente na educação. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.